

APRESENTAÇÃO

O presente número da revista *Thaumazein* (v. 10, n. 19, 2017/1) se propõe a discutir a bioética. Ou, pelo menos, algumas questões fundamentais da bioética. Nesse sentido, desde o nascimento da bioética, no início dos anos de 1970, alguns temas permanecem constantes e controversos nos debates bioéticos. A responsabilidade de manter a ecologia generativa do planeta, da qual a vida e a vida humana dependem, e, as implicações futuras dos rápidos avanços nas ciências da vida no que diz respeito a potenciais modificações da natureza humana maleável, formam os dois principais polos de discussões na arena da bioética.

O nascimento da bioética esteve marcado pelo desenvolvimento de duas correntes culturais, a saber, a transformação científica, particularmente, no campo biomédico, e, a transformação cultural nas grandes mudanças sociais e políticas que transformaram a convivência humana na maior parte dos países de nosso planeta. Ou, em outras palavras, essas duas correntes culturais permitiram o florescimento de uma cultura da autonomia e da igualdade, colocaram em dúvida a necessidade de estudos e pesquisas com seres humanos que cometiam abusos na pesquisa científica, e, por consequência, fomentou o renascimento do interesse pela ética normativa, nascido da esterilidade da redução da ética filosófica unicamente à metaética e do desejo de uma nova geração de filósofos de contribuir com sua disciplina na busca de soluções para as grandes interrogações postas pela nova cultura.

Nesse sentido, o presente número da revista procura apresentar ao público algumas discussões bioéticas propostas por filósofos. O texto *Humanos, animais e embriões: quem é meio e quem é fim na pesquisa científica?*, de Marco Antônio Azevedo, aborda a polêmica questão do uso de seres humanos, animais e embriões em pesquisas científicas. O autor parte da definição de quem é meio e quem é fim para desenvolver seu argumento contra o uso de embriões em pesquisa.

O texto *Princípios bioéticos e melhoramento cognitivo*, de Darlei Dall'Agnol, se propõe a abordar o aparato conceitual necessário para analisar o problema ético do melhoramento cognitivo. A partir desse aparato conceitual, o autor sustenta que os princípios da bioética principialista – respeito pela autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça – podem ser utilizados na permissibilidade do uso de alguns melhoradores cognitivos.

Alcino Eduardo Bonella, em seu texto, *Bioética baseada em razões: alguns fundamentos*, procura apresentar um argumento que seja capaz de enfrentar a diversidade de princípios morais em bioética. Já o texto de Flávio R. L. Paranhos, *Bioética principialista*, apresenta a teoria bioética que alcançou a maior popularidade, a saber, os princípios da ética biomédica de T. Beauchamp e J. Childress. Os autores Ademir Aparecido Pinhelli Mendes, Ligia Moura Burcii, Robson Stigar, Roseli Deolinda Hauer, Sergio Herrero Moraes e Vanessa Roberta Massambani Ruthes, em *O princípio da alteridade como pressuposto para a bioética clínica: em busca de novos aportes epistemológicos*, apresenta o princípio da alteridade como um novo princípio para a bioética clínica, frente o enfrentamento da insustentabilidade dos tradicionais princípios da bioética clínica.

O texto de Anor Sganzerla e Roberto Rohregger, *Prudência: a virtude da bioética na civilização tecnológica*, traz à tona a importância da ética da virtude, de modo especial, do conceito de prudência, para a civilização tecnocientífica em que vivemos. A interpretação está ancorada na ética filosófica de Hans Jonas e, a partir desse contexto, propõe a prudência como a virtude mais adequada para a bioética, isto é, a sabedoria prática é necessária para deliberar de modo justo e adequado.

Leo Pessini, em *Elementos para uma bioética global: solidariedade, vulnerabilidade e precaução*, apresenta três conceitos importantes no contexto latino-americanos como fundamentos da bioética global. Segundo o autor, esses conceitos permitiriam uma abordagem mais ampla e completa de questões pela bioética. E, por fim, o texto de Daiane Martins Rocha Esis Steines, *O bem espiritual do paciente e o grupo de estudos em bioética: educando para a tolerância religiosa*, aborda o ensino e a formação em bioética a partir do contexto de sociedades pluralistas e seculares. Assim, a autora parte do fato de que a educação para o respeito às crenças dos pacientes é fundamental da concepção de bem-estar. Para abordar essas questões, analisa o modelo bioético da beneficência baseada na confiança.

O presente número da revista ainda traz duas traduções inéditas ao português, que muito já tem contribuído com o contexto da bioética, e que agora certamente irão colaborar ainda mais com os estudos em bioética. O texto de Daniel Callahan, *A bioética como disciplina*, procura abordar os fundamentos metodológicos da disciplina chamada bioética. E o texto de Stephen Toulmin, *Como a medicina salvou a vida da ética*, apresenta como o contexto médico proporcionou um novo contexto investigativo e interpretativo para a ética.

Boa leitura para todos.

Prof. Dr. Diego Carlos Zanella

Editor Adjunto e professor do Curso de Filosofia e do Mestrado de Ensino em Humanidades e Linguagens, do Centro Universitário Franciscano.